

ARTE DO ARQUIVO, OBJETOS FOTOGRAFÍCOS E POÉTICAS VISUAIS

Archive art, photographic objects, and visual poetics

Rubens Venâncio⁵⁴

“Os afetos se ligam. Os parentes se reencontram. O tempo atravessa os olhares. Ou os olhares atravessam o tempo na simetria da fotografia” (parente do autor)

O presente ensaio visual parte da obra “gicélia, socorro, valderez”, concebida como uma investigação artística/visual/conceitual em torno da ancestralidade, do esquecimento e da memória. Tem como ponto de partida o álbum de fotografias de minha família e experiências visuais em cianotipia. O trabalho é constituído por uma série de imagens produzidas a partir do processo da cianotipia, objetos familiares, o diário de Valderez e o filme “Um cotidiano perdido no tempo” (Nirton Venâncio, 1988), sobre a vida dessas mulheres no interior do Ceará – em sua finalização o trabalho será concretizado enquanto instalação e publicação de artista.

O título da obra alude às mulheres de minha família, respectivamente: minha tia-bisavó, mãe e avó, todas nascidas em Cratéus-CE, Sertão dos Inhamuns. Gicélia, a idealizadora do álbum: em um cenário de tradições familiares, ela e Letícia (outra tia-avó) tiveram que cuidar da outra irmã, Maria (minha bisavó), que enviuvou e, como rezava os costumes, teve que passar cinco anos enlutada, vestida de preto. Com essa vida imposta, Gicélia descobriu o prazer de montar álbuns: ela os adquiria, pedia fotos aos parentes, passou décadas inscrevendo acontecimentos familiares. A

⁵⁴ Universidade Regional do Cariri. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9344004074720141> E-mail: rubensvnc@yahoo.com.br

fotografia foi fundamental para uma mulher do sertão que não constituiu a própria família e seguiu com os registros da vida, construído foto a foto, como em um ritual sobre a ancestralidade.

Socorro, foi uma das narradoras do álbum: além de ter visto Gicélia fazer esse álbum, por ela fui levado a conhecer os personagens e as histórias por trás de cada foto. Na primeira conversa sobre as fotos com minha mãe, esses e outros trechos mostraram-se como impulsos que me influenciam na condução dessa investigação visual.

Os álbuns eram comprados na papelaria do seu Ferreirinha. Naquela época era comum dar álbum de presente para os outros, era muito respeitoso, luxo, foto era caro em Crateús. Gicélia ganhava muito álbum de presente da família, madrinha Celsa deu um desses. Era um prazer para ela mostrar as fotos, fazia na sala de costura, no horário de lazer se satisfazia em mostrar as fotos. Pessoas indo embora, casando, ela ficava muito só, o álbum era a alegria dela. Gicélia pregava as fotos, fazia grude (com goma) na cozinha com fogão a lenha, quando juntava um tanto (cinco, dez) ela colava porque era muito caro. (Relato de Socorro em 2017 para o autor).

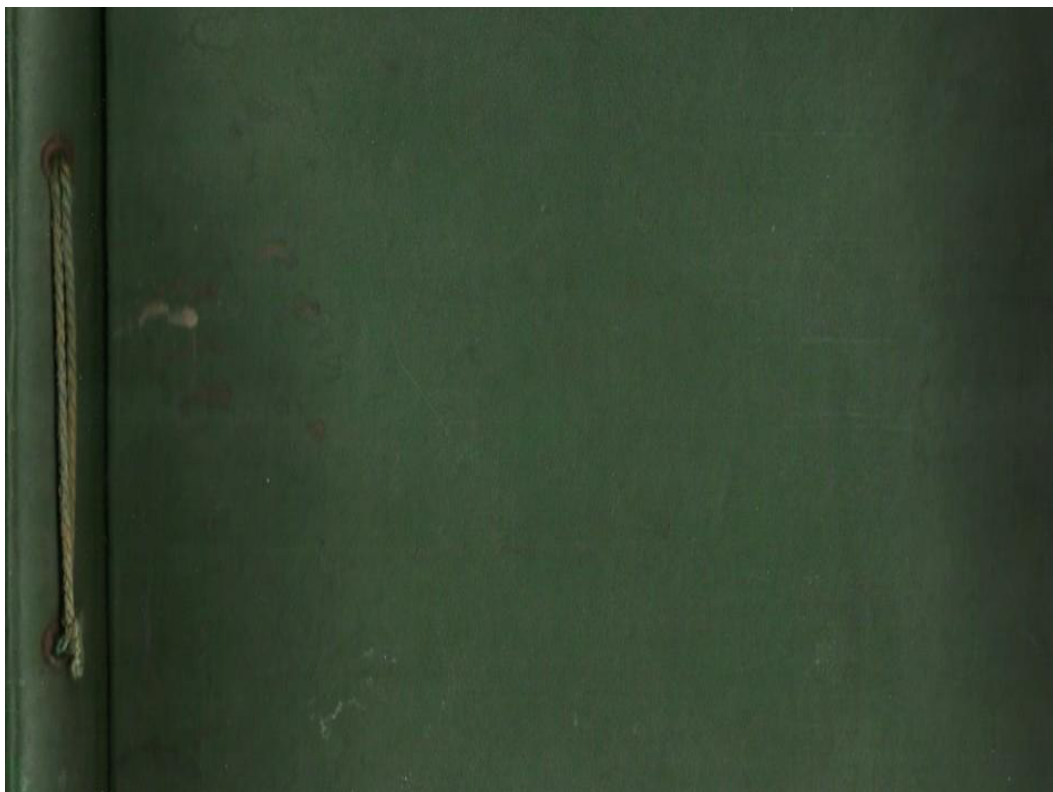
Valderez: da geração dessas mulheres, minha avó foi a última habitante da casa da família em Crateús – antiga edificação da cidade que foi vendida pelos parentes. Acometida por uma doença que gradativamente lhe tirou a lucidez e a memória, era em conversas sobre o álbum que ela afastava o esquecimento – entre lampejos de lucidez e senilidade as lembranças iam aparecendo, ora nítidas, ora borradas.

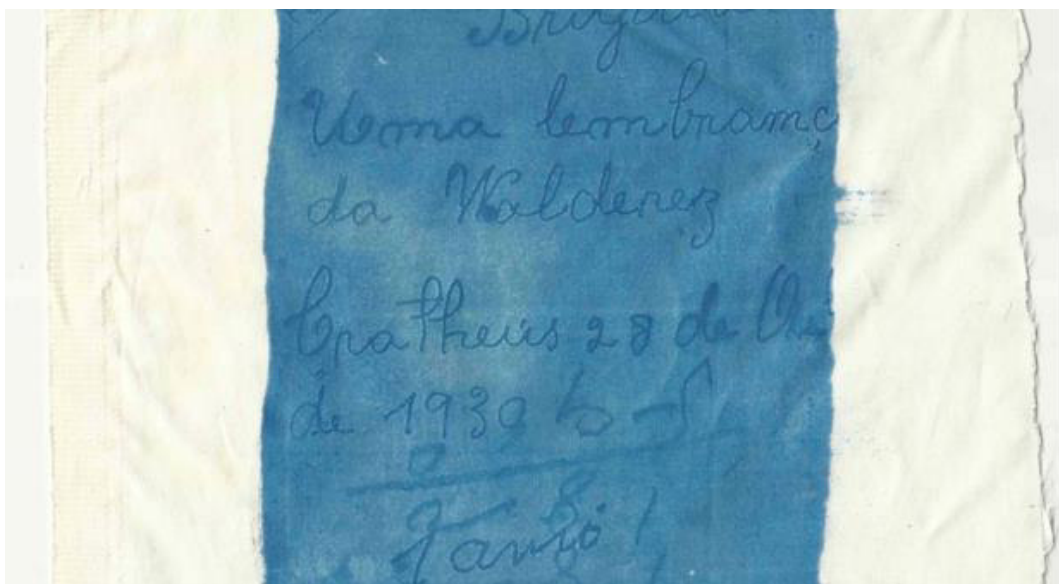
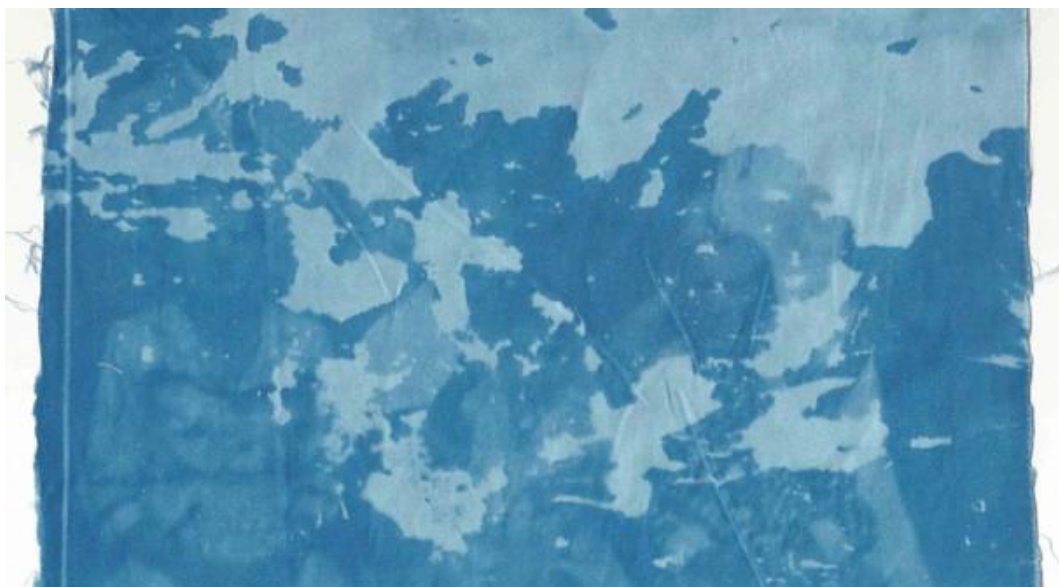
Os relatos de ambas foram uma forma de mergulhar nas fotografias: Socorro sobre o hábito de Gicélia e sobre cada página do álbum; Valderez, com sua forma de recordação, exibiu uma maneira de contar em que lembranças e esquecimentos se misturavam, e optei por deslocar essa forma de recordação para o processo criativo, assim, interferindo em minhas estratégias, produção das imagens, na edição e na forma como interpretar as memórias.

“Ler” o álbum, interpretá-lo enquanto objeto familiar e subjetivo, foi o

primeiro ato desse trabalho: fundamental para descobrir os caminhos apontados por aquelas imagens cuja disposição era invisível; entender as dinâmicas de cada foto com aquela superfície já amarelada do típico papel que abrigava tantas histórias; olhar minha mão passando por cada página e sentir a textura das fotos, das páginas, o resto de cola já seca, o papel manteiga que teima em dividir esse folhear; imaginar as marcas da ausência de fotos que lá não estão.

As reflexões que me guiaram nesse artigo seguem o esteio de outras visadas conceituais e artísticas voltadas, sobretudo, para o trabalho com formas poéticas da memória a partir da fotografia.









O Vagão de Arte
o fardo Lopez
quei, Ande e a k
João José Soares
e a k ande e a k
João





Trabalho recebido em: 29 de outubro de 2020.
Publicado em: 30 de dezembro de 2020

Como citar este ensaio visual:
VENÂNCIO, R. Arte do arquivo, objetos fotográficos e poéticas visuais. **Revista do Colóquio**. Recuperado de
<https://periodicos.ufes.br/colartes/article/view/33020>